



CONSIDERANDO O DESAFIO DA SALA DE AULA COMO ESPAÇO PARA O ACONSELHAMENTO: UMA PERSPECTIVA REDENTIVA

Jônatas Abdias de Macedo¹

RESUMO: Este artigo explora o potencial da sala de aula como um ambiente privilegiado para a prática do aconselhamento bíblico. Entretanto, para que isso aconteça, há que se superar a barreira ao ensino integral provocada pelo paradigma cartesiano. Portanto, partindo de uma cosmovisão cristã reformada, argumenta-se que a educação transcende a mera transmissão de informações, constituindo-se em um processo de discipulado contínuo. Analisa-se brevemente o paradigma educacional cartesiano, contrapondo-o ao conceito bíblico de conhecimento, fundamentado na revelação divina e centrado nas “afeições” do coração. Por fim, delineiam-se pressupostos e implicações práticas para o professor, que é chamado a atuar como um conselheiro, guiando os alunos a um conhecimento relacional com Deus que culmina em adoração e maturidade cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Aconselhamento Bíblico; Educação Cristã; Cosmovisão Reformada; Cartesianismo; Conhecimento de Deus.

¹ O autor é ministro presbiteriano, atualmente pastor da Igreja Presbiteriana Metropolitana de São Paulo, professor de Aconselhamento Bíblico e Técnicas de Comunicação no Seminário Presbiteriano JMC e professor de Introdução à Cosmovisão Reformada na Universidade Presbiteriana Mackenzie. É Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição; Mestre em Teologia Pastoral (Th.M) – Aconselhamento – pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper; e Doutor em Teologia Pastoral (Ph.D) pela North-West University (NWU) em Potchefstroom, África do Sul.

INTRODUÇÃO

A sala de aula se tornou um ícone do aprendizado já há muito tempo, embora nem sempre o processo *ensino-aprendizagem* tivesse ocorrido assim. Conquanto o objetivo do presente texto não seja explorar a história da sala de aula, admite-se que a ideia de um lugar reservado para o estudo existe a milhares de anos. E apesar de haver quem considere que o modelo de escola, como o conhecemos hoje, remonte a dois mil anos antes de Cristo, já presente no Egito antigo, Mesopotâmia e China,² o conceito que temos hoje em dia é mais provavelmente derivado dos esforços educacionais mais modernos, amplamente ligados a nomes consagrados da pedagogia, como Jean Piaget, Benjamin Bloom, Maria Montessori, Horace Mann e John Dewey, *inter alia*.³ As incertezas com respeito à origem da sala de aula não diminuem sua importância e influência, e sobre estas repousam o interesse do presente artigo. Especialmente durante os séculos 17 e 18, a área da educação foi grandemente influenciada por teólogos e filósofos, bem como pelo Estado, e incluía propostas pedagógicas vindas, por exemplo, do inglês Sir Francis Bacon, do alemão Wolfgang Ratke, do Francês René Descartes, o suíço Jean-Jacques Rousseau, do Morávio João Amós Comenius e do inglês John Locke, entre outros.

Tudo isto deve ser levado em conta quando hodiernamente se considera um elemento que envolve a sala de aula, para o qual voltamos a atenção neste artigo: a sala de aula como ambiente que propicia um relacionamento que enseja o aconselhamento, a mentoria e o discipulado. Para Adams, potencial da Sala de aula permanece oculto até que se explore seu potencial, uma vez que para ele “a única diferença que existe entre a sala de aulas e a sala de aconselhamento é que o contexto da sala de aulas cristã propicia muito mais oportunidade”.⁴ A sala de aula, especialmente no contexto da Igreja, providencia uma oportunidade a mais para exercer uma influência semanal contínua para estabelecer e modificar padrões de pensamento e comportamento à luz das Escrituras,⁵ por providenciar um ambiente em que seja possível a integração entre o conteúdo curricular, os desafios da vida e as verdades da fé cristã, de modo a que concorram de maneira profunda e transformadora para as crianças, jovens e adultos da aliança.

A experiência comum, inclusive do autor, na condição de professor universitário, é a de encontrar (colegas) professores que relatem episódios em que seus alunos se aproximem deles para obter mais do que aprofundamento do

² ZAMIR, Abigail, *The Evolution of the Classroom: A Look Back*.

³ A título de curiosidade, dentre este, Horace Mann se destaca por ter sido secretário de educação do estado de Massachusetts no século 18, e ter promovido a maior reforma educacional da história dos Estados Unidos da América. Com palestras e leis, Mann promoveu a normatização das escolas, o que incluía um currículo básico para os professores, fazendo com que um conhecimento comum formasse o professor do que chamava “escola comum”.

⁴ ADAMS, Jay Edwards, *Conselheiro capaz*, 8. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1999, p. 236.

⁵ *Ibid.*, p. 237.

conteúdo lecionado, desejando conselhos para a vida que extrapolam os limites da disciplina. Ao que tudo indica, os alunos enxergam em seus professores mestres a partir de quem podem obter orientação proveitosa para se orientar na vida. Embora maneira de expressar esse fenômeno possa variar, principalmente de uma perspectiva secular, em se tratando da perspectiva cristã, é ainda mais evidente que seja assim.

Contudo, para que a sala de aula se torne, de fato, um espaço de aconselhamento, é preciso superar barreiras filosóficas e teológicas que fragmentam o conhecimento e a pessoa humana. Como escreveu Adams, é preciso “começar com suposições apropriadas”.⁶ Afinal, “Se quisermos entender a forma como a fé molda a educação, de que maneira o processo de ensino e aprendizagem, e não as perspectivas transmitidas pelo conteúdo do curso, demanda nossa atenção?”⁷

Quando não levadas em conta as questões de ordem filosóficas e teológicas, a inconsciência gerada além de não isentar, adiciona o perigo da veiculação de conceitos contrários à fé cristã reformada no ambiente educacional, que é autoritativo *per sí*. Portanto, para se aproveitar a oportunidade ensejada pela sala de aula, há que se tomar consciência dos desafios acumulados que orbitam a sala de aula hoje em dia.

O presente artigo é uma incursão preliminar, e não pretende ser exaustivo, reconhecendo, de partida, que há ainda muito a ser explorado na mesma direção. Ainda assim, e consciente de suas limitações, se propõe a uma análise dessas questões filosóficas e teológicas, notadamente o dualismo cartesiano,⁸ e apresenta uma abordagem bíblica e reformada para a educação, entendida como parte do processo de Aconselhamento Redentivo. Portanto, o objetivo é indicar mais do que os desafios, mas ao fazê-lo, apontar possíveis caminhos que possibilitem o professor encontrar na sala de aula um ambiente de aconselhamento que vá além da mera transmissão de conteúdo. Considerados em seus aspectos basilares, os parâmetros trabalhados aqui servirão para além do contexto estritamente cristão, sendo potencialmente abençoador para qualquer “sala de aula”, porque, visto de uma perspectiva mais ampla, qualquer sala de aula enseja oportunidades: ao cristão, a oportunidade de crescer em santidade, ao não cristão de conhecer a Cristo e ser salvo.

⁶ *Ibid.*

⁷ SMITH, David I., *Pedagogia Cristã: Praticando a fé na sala de aula*, Rio de Janeiro: Vida Melhor Editora [Edição Kindle], 2022, p. 23.

⁸ Como é possível observar pela quantidade de nomes que influenciaram a pedagogia moderna, seria impossível explorar todas as implicações de todos os pensadores e oferecer uma resposta apropriada a cada uma delas em um único artigo ou livro. Optamos por uma abordagem dentre várias possíveis, como por exemplo a oferecida por Portela em seu livro, com respeito à influência de Jean Piaget. Para mais, veja: PORTELA NETO, Francisco S., *O que estão ensinando aos nossos filhos?: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*, 1. ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012.

1. O MÉTODO CARTESIANO COMO BARREIRA PARA O ENSINO

Tendo sido educados em um sistema erigido sobre o sistema cartesiano, dificilmente se observa no ocidente que muito embora não seja o único, ele seja um dos principais obstáculos a uma educação integral. Originado com o filósofo René Descartes (1596-1650), o método cartesiano,⁹ baseado na dedução pura e no racionalismo,¹⁰ que consiste em começar com verdades ou axiomas simples e evidentes por si mesmos, e depois raciocinar com bases nele, até chegar a conclusões particulares. Pearcey e Thaxton destacam que o filósofo

é mais conhecido por sua insistência de que o mundo físico é um grande mecanismo e de que até mesmo as plantas e os animais são autômatos. O que não é de conhecimento geral é que ele adotou a filosofia mecanicista como uma estratégia para refutar os céticos religiosos da sua época.¹¹

Descartes propôs, também, uma separação radical entre a mente (*res cogitans* – substância pensante) e o corpo (*res extensa* - substância extensa). Conceição resume, acertadamente, que dois foram os erros de Descartes no desenvolvimento de seu pensamento, um de caráter antropológico e outro de caráter epistemológico. O primeiro, foi criar “uma psicologia ultra-espiritualista que separou o corpo do espírito, mutilando a unidade do ser humano; segundo, ele pretendeu aplicar às ciências naturais o método dedutivo, com menosprezo da observação e da experimentação”.¹²

Quanto à antropologia, Descartes concebia os seres humanos como em partes “máquinas”, em parte mente. Como a grande maioria dos naturalistas quando são incoerentes à própria cosmovisão admitem a existência de uma alma, Descartes defendia que a mente (alma) e o corpo eram substâncias separadas, com a mente sendo imaterial e o corpo material, e que de alguma forma interagem (sendo a glândula pineal, para Descartes, o local dessa interação). Ryle considerava esse Dualismo Cartesiano um “erro de categoria”, ou seja, uma forma equivocada de conceber a mente como uma entidade separada que “habitaria” e controlaria o corpo, como um “fantasma dentro de uma máquina”.¹³

O Dualismo Psicofísico (ou ainda Dicotomia Corpo-Consciência), é um conceito segundo o qual o ser humano é um ser duplo, composto de uma

⁹ Cartesiano é um adjetivo referente a Descartes, filósofo, físico e matemático francês, “considerado o pai da filosofia moderna”. A razão para isso é que a versão latina de seu nome era Cartesius, que deu nome ao pensamento proveniente de sua perspectiva filosófica.

¹⁰ O racionalismo cartesiano foi estabelecido por Descartes em suas obras o “Discurso do Método” (1637) e “Meditações Metafísicas” (1641), onde expressa sua preocupação com o problema do conhecimento.

¹¹ PEARCEY, Nancy R.; THAXTON, Charles B., *A alma da ciência*, 1. ed. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2005, p. 80. Destaque do autor.

¹² CONCEIÇÃO, Eurípedes da. *Ensinando através do caráter*, São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 40.

¹³ RYLE, Gilbert. *O conceito de mente*, Londres: Hutchingson’s University Library, 1949, p. 17.

substância pensante e uma substância extensa. Este dualismo psicofísico permeou profundamente a cultura ocidental e, conseqüentemente, qualquer sistema educacional baseado em suas premissas:¹⁴

Historiadores idealistas como Dilthey propuseram que não existe somente um tipo de conhecimento, mas dois – o da Natureza e o da Mente – sendo que cada um possui sua própria metodologia... Dilthey argumentou que a diferença na metodologia entre as ciências naturais e as ciências humanas leva a uma diferença no tipo de conhecimento obtido. As ciências naturais geram conhecimento objetivo e imutável, enquanto as ciências humanas – História, Religião, Ética e Política – geram apenas um conhecimento subjetivo e que está sempre em desenvolvimento. De acordo com Dilthey, nesses campos não tratamos de verdades universais, mas de produtos da mente humana e, portanto, com perspectivas individuais, e crenças que surgem dentro de determinadas condições”.¹⁵

Pearcey e Thaxton elucidam que a famosa frase de Descartes, “penso, logo existo” era, curiosamente, uma declaração religiosa que procurava preservar a crença no espírito humano, apesar de sua existência em um universo mecânico. Na opinião deles, para Descartes “o pensamento é uma atividade espiritual, o *Cogito* servia como uma resposta para aqueles que negavam a existência de um espírito humano”, e concluem: “É irônico que aquilo que sobreviveu da filosofia cartesiana não foi sua prova da existência do espírito humano ou de Deus, mas seu conceito mecanicista do universo – o universo como uma grande máquina impessoal”.¹⁶

Por mais autoevidente que seja o erro de Descartes, é importante destacar que conceber o homem dicotomicamente (e, porque não dizer, *cartesianamente*) influencia grandemente em outras áreas em que o homem seja implicado, como na área do conhecimento. Ainda mais importante é destacar que a doutrina do homem, ou antropologia bíblica, dentre as matérias básicas da teologia cristã, é considerada uma das mais importantes para o aconselhamento bíblico.¹⁷ A razão para isso é que faz parte constituinte do Aconselhamento Cristão bíblicamente

¹⁴ CONCEIÇÃO, *Ensinando através do caráter*, p. 42; Ver também: LEWIS, Ralph; LEWIS, Gregg, *Pregação indutiva*, São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 73.

¹⁵ PEARCEY; THAXTON, *A alma da ciência*, p. 60. Mais adiante a autora elucidada que o eixo mudou, e “essa bifurcação do conhecimento em duas correntes está sendo revertida e o que vem ocorrendo é uma reafirmação da unidade do conhecimento” (p. 60). Explorar esse aspecto vai muito além do escopo deste artigo, pois é um elemento importante a ser considerado, mas se feito da perspectiva errada, redundará em nada. Será suficiente destacar, como adiantou Schaeffer, que “o Cristianismo tem a oportunidade, por isso, de dizer claramente que a sua resposta tem aquilo pelo que o homem moderno está desesperado – a unidade de pensamento”. Cf.: SCHAEFFER, FRANCIS A. *A morte da razão*, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 93.

¹⁶ PEARCEY; THAXTON, *A alma da ciência*, p. 81.

¹⁷ CAMPBELL-LANE, Yvonne; LOTTER, George A., *Biblical counselling regarding inner change*, *Koers*, v. 70, n. 1, p. 99–123, 2005, p. 102; ADAMS, Jay Edward, *A theology of christian counseling: more than redemption*, Epub Edition. Grand Rapids, MI: Zondervan [Kindle ed.], 2010, p. 94, 96.

orientado, “prover as habilidades relacionais que finalizem em conhecimento de Deus e conhecimento do homem”.¹⁸ Aqui cabe destacar que não é de se estranhar que muitos hoje em dia continuem a seguir por esses trilhos ao conectar tão intimamente a mente à atividade espiritual ao ponto de reduzir a atividade devocional ou a efetiva crença nas verdades bíblicas aos seus elementos meramente cognitivos, isto é, à uma informação a ser compreendida pela mente. O que nos leva ao segundo erro: o método.

O método proposto por Descartes tem por objetivo conduzir a razão na busca do verdadeiro conhecimento. O problema está naquilo que Descartes entendia como “conhecimento”:

Com efeito, visto que todas as ciências nada mais são do que a sabedoria humana, a qual permanece sempre una e idêntica, por muito diferentes que sejam os objetos a que se aplique, e não recebe deles mais distinções do que a luz do sol da variedade das coisas que ilumina, não há necessidade de impor aos espíritos quaisquer limites. Nem o conhecimento de uma só verdade, como se fora a prática de uma única arte, nos desvia da descoberta de outra; pelo contrário, ajuda-nos.¹⁹

A concepção exposta por Descartes em seus escritos é elevada e exigente. Nas *Regulae* utiliza um termo técnico: *scientia*, do latim *scire*; em português “saber”, que no século XVII tinha o sentido simplesmente de conhecimento.²⁰ Todavia o termo *scientia* também tinha conotações que se aproximam do projeto cartesiano de uma ciência unificada. Para Descartes, *filósofo* é aquele que “estuda a sabedoria” e cujo objetivo é atingir uma compreensão inteligível de todos os aspectos da realidade.²¹

O problema, como se tem procurado destacar, está no fato que “a sociedade ocidental imprimiu em seu sistema educacional a visão cartesiana e o pensamento linear... No cenário acadêmico ocidental, o pensamento linear tem sido o modelo predominante”.²²

Conceição denuncia ainda que

O desenvolvimento da praxe educacional cristã-teológica também não escapou da influência cartesiana. No cenário acadêmico ocidental, o pensamento linear tem sido o modelo predominante. Ele é amplamente analítico, objetivo, lógico e sistemático. É aplicado no estudo bíblico indutivo, na homilética e na educação cristã-teológica.

¹⁸ GOMES, Wadislau Martins. *Aconselhamento Redentivo*, São Paulo, SP: Monergismo, 2024, p. 12.

¹⁹ DESCARTES, René. *Regras para a direção do espírito*. Lisboa: Edições 70, 1989, Regra I.

²⁰ O termo latino é muito semelhante ao termo português “ciência”, mas não deve ser confundido: o vocábulo da época, que mais se aproxima do significado atual de ciência é do latim *philosophia*.

²¹ DESCARTES, René. *Descartes: Selected Philosophical Writings*, Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

²² CONCEIÇÃO, *Ensinando através do caráter*, p. 42.

Sua base é o método indutivo que é, no Ocidente, talvez um dos mais usados no estudo da Bíblia.²³

E, como Lewis destaca,

...a educação universal tornou-se logo um precioso direito da democracia, universalizando a necessidade, procura e oportunidade do envolvimento individual e da ênfase indutiva... Os métodos de aprendizagem também contribuíram significativamente para acentuar a indução... a partir daí, as técnicas de estudo de casos tornaram-se populares em quase todas as áreas da educação, incluindo cursos de seminários.²⁴

Um exemplo de como essa influência se fez perceber está disponível no mercado editorial brasileiro, no qual figuram livros que ensinam a fazer não só estudos indutivos na Bíblia,²⁵ como até mesmo preparar sermões baseados nesse método.²⁶ Nota-se nesses livros e em suas orientações a crença no conhecimento como um conteúdo de ordem neutro e objetivo, desvinculado da fé e dos pressupostos do conhecedor, exatamente como Descartes entendia ser o conhecimento (vide acima). Aqui, mais uma vez, o problema reaparece: “a ideia de que o conhecimento é um conjunto de informações está baseada em uma visão grega, que é diferente da visão bíblica”.²⁷ Acreditar, portanto, que “um ateuista convicto pode fazer com muita perfeição as mesmas observações que um protestante, um católico ou um judeu, estudando a mesma passagem bíblica” e que o único pré-requisito para tal é a “clareza mental” é uma manifestação inequívoca dessa herança cartesiana.²⁸ Visão que tal se opõe frontalmente a um entendimento bíblico-reformado que entende o conhecimento como intrinsecamente ligado ao conhecimento de Deus, como apresentado adiante.

2. RUMO A UM CONCEITO BÍBLICO DE CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO

2.1. IMPLICAÇÕES ORIEUNDAS DO *LOCUS* DO CONHECIMENTO DE DEUS E DO MUNDO

A Bíblia é o livro da revelação de Deus, a partir do qual O conhecemos.²⁹ Sem ela, o conhecimento de Deus é impossível,³⁰ pois a mente humana,

²³ *Ibid.*

²⁴ LEWIS; LEWIS, *Pregação indutiva*, p. 73.

²⁵ VAN DER MEER, Antonia Leonora, *O estudo bíblico indutivo*, São Paulo: ABU, 1986.

²⁶ LEWIS; LEWIS, *Pregação indutiva*. Curiosamente, o personagem que ensina a explicação do método, que aliás é corretamente explicado em termos de observação, interpretação e aplicação, é chamado no livro de “Sam Secular”.

²⁷ CONCEIÇÃO, *Ensinando através do caráter*, p. 44.

²⁸ *Ibid.*, p. 43.

²⁹ Veja Confissão de fé de Westminster, Capítulo 1 *in toto*.

³⁰ CAMPOS, Heber Carlos de, *O ser de Deus e os seus atributos*, São Paulo, SP: Cultura Cristã, 1999, p. 55; Veja também: BERKHOF, Louis, *Teologia Sistemática*, São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã,

raciocinando em si mesma, utilizando-se dos elementos naturais disponíveis, não chega ao conhecimento de Deus; mesmo tendo o *sensus divinitatis*, a mente humana não pode conceber Deus, a menos que este se revele (Cf.: Rm 1; 10.17; 1 Co 2.10-14; 2 Co 4.6).³¹

Entretanto, o conhecimento de Deus e das coisas por ele criadas, da perspectiva bíblica não se restringe ao “conteúdo”. João Calvino, nas *Institutas*, afirma que o verdadeiro conhecimento de Deus não é apenas conceber que ele existe, mas “apreender o que nos importa dele conhecer, o que lhe é relevante à glória, enfim, o que é proveitoso saber a seu respeito”.³² Conceição apresenta o modelo de aprendizagem hebraica, que corrobora esse entendimento ao destacar o elemento experimental:

Segundo os hebreus, a aprendizagem não é simplesmente a aquisição de um conjunto de verdades. O vocábulo hebraico *Daa'th* denota conhecimento que é experimentado. A expressão *Daa'th Elohim* denota que o conhecimento de Deus não é simplesmente a obtenção de informação a respeito de Deus, mas implica em um relacionamento pessoal e íntimo com ele... A ideia de que o conhecimento é um conjunto de informações está baseada em uma visão grega, que é diferente da visão bíblica.³³

Em Deuteronômio 6.7 e 20-24, Moisés lembrando o povo de Deus dos seus deveres na Aliança, orienta que os estatutos e mandamentos aprendidos sejam ensinados aos seus descendentes em um ambiente cotidiano e familiar. Se o texto bíblico for interpretado superficialmente, é fácil cair na falácia de que o verso 7 indica que o conhecimento de Deus seja de caráter mental ou cognitivo, uma vez que ordena que sejam “inculcadas”. Mas essa conclusão equivocada só é possível se ignorado o texto original hebraico. O verbo *shanan*, embora signifique

1990, p. 33. Campos também escreveu: “O conhecimento de Deus pressupõe inquestionavelmente o fato de Deus se revelar. É impossível qualquer conhecimento dele sem que ele se revele. Se Deus não se revelasse, por causa de sua natureza infinita e majestosa jamais poderíamos ter qualquer conhecimento dele. Ele se desnudou a fim de que os seres humanos pudessem conhecê-lo. Os seres humanos ficariam totalmente ignorantes de Deus se este se ensimesmasse”. CAMPOS, *O ser de Deus e os seus atributos*, p. 55.

³¹ Vai além do escopo deste artigo explicar a impossibilidade da teologia natural. Destaca-se, aqui, que a defesa de uma teologia natural não faz parte do ímpeto teológico reformado. Como lembra Berkhof, os reformadores “*não criam que a razão humana tenha a capacidade para elaborar um sistema científico de teologia com base na revelação natural pura e simples. Sua maneira de ver o assunto pode ser representada como segue: como resultado da entrada do pecado no mundo, a escrita de Deus na natureza ficou muito obscura, e em alguns dos mais importantes assuntos, é opaca e ilegível. Além disso, o homem foi atingido pela cegueira espiritual, e, assim, está privado da capacidade de ler corretamente aquilo que Deus originariamente escreveu com clareza nas obras da criação*”. BERKHOF, *Teologia Sistemática*, p. 37. Para maiores aprofundamentos, recomenda-se a leitura de livros voltados para o tema, como: MACGTH, Alister, *Teologia natural: uma nova abordagem*, São Paulo: Vida Nova, 2019; VOS, Geerhardus, *Teologia Natural*, São Paulo, SP: Vida Nova, 2023.

³² CALVINO, João, *As Institutas*, 2.a, Vol. 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2006, I.2.1.

³³ CONCEIÇÃO, *Ensinando através do caráter*, p. 44.

“afiar” ou “aguçar”, quando está no *Piel* – que é o caso no texto de Deuteronômio – pode ser traduzido por “ensinar incisivamente”. Uma aplicação possível desse texto seria dizer que na educação actual o ensino deve ser intenso, ou seja, deve ser capaz de vencer barreiras, deve ser poderoso o bastante para *perfurar* possíveis bloqueios a fim de colocar o conhecimento onde dele deve figurar, no coração. O *locus* do conhecimento de Deus está exarado no texto bíblico. O contexto que enseja o ensino é o testemunho consistente dos pais, que provoca nos filhos a curiosidade de saber dos motivos que o levavam ao intenso processo educacional a que estavam submetidos (Cf. Dt 6. 20-24). E é neste contexto que o “lugar” do conhecimento actual aparece: “Estas palavras que, hoje, te ordeno *estarão no teu coração*” (Dt 6.6, destaque do autor). Em epítome, é comparável ao que Paulo disse aos Coríntios:

Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo, e estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão (2 Co 10.4-6)

2.1.1. A utilidade do conceito de “Afeições do Coração”

A Escritura frequentemente se refere ao “coração” como o centro da personalidade humana, de onde emanam os pensamentos, as emoções e a vontade.³⁴ Conquanto existam várias formas de se descrever as atividades compreendidas pelo coração, o conceito de “afeições” apresenta vantagens a serem consideradas aqui. Mais do que só uma expressão, o conceito de afeições do coração empresta de Jonathan Edwards e suas “Afeições Religiosas” uma valiosa forma de representar de modo compreensivo os processos interiores do coração, com a vantagem de “descrever a dinâmica das consequências finalizadas no comportamento da pessoa”.³⁵

Na teologia clássica o conjunto a que chamamos de “afetos do coração” aparecem com o nome de “virtudes teológicas”. Admitir o conceito de afeições do coração não anula as categorias de mente, emoção e volição, mas as considera de forma integrada, como movimentos do coração.³⁶ O amor actual de Deus por seu povo (Dt 7:7-8) é o arquétipo dessa afeição,³⁷ um movimento divino em direção

³⁴ MADUREIRA, Jonas, *Inteligência humilhada*, 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2017, p. 203. Explicar com profundidade as questões antropológicas – e suas implicações – na definição de coração conforme o texto bíblico vai além do escopo deste artigo. Para mais, recomenda-se a leitura do texto subsequente ao referenciado: *Ibid.*, p. 204–247.

³⁵ GOMES, *Aconselhamento Redentivo*, p. 47.

³⁶ “Assim, procurando preservar a ideia da unicidade do ser, mesmo reconhecendo o perigo de recorrer nesse erro, gostaríamos de apresentar o referido conceito de afetos do coração não como uma opção às categorias de mente, emoção e volição, mas como uma maneira de considerá-las”. *Ibid.*, p. 52.

³⁷ “O conceito bíblico de afeições, na vida espiritual e em geral e em particular na redenção, traz ao coração a ideia de união de pacto e de adoção. Diz respeito às coisas interiores que movem o

ao homem que deve encontrar um eco correspondente no coração humano. A questão central reside na falta de consideração do que até aqui se computa, *i.e.*, que o conhecimento de Deus e das coisas por ele criadas, por ser processado no coração, tem implicações epistemológicas de larga escala. Primeiro, porque nenhum conhecimento é *somente* uma questão de mental ou cognitivo, mas “habitar no mesmo entendimento”. O uso do termo *habitação* não é aleatório. Da perspectiva do Aconselhamento Redentivo,³⁸

O termo *habitação*, aqui, compreende toda aquela nuance do conhecimento. Ele é totalmente baseado na doutrina bíblica da revelação. Em especial, se refere ao encontro da graça de Deus pela fé, ou à rebelião contra o conhecimento de Deus e o consequente encontro de sua ira, também pela fé (Rm 1.18).³⁹

Em segundo lugar, porque uma vez que todo conhecimento tem de, necessariamente, passar pelo coração, esse conhecimento será corrompido pelo pecado que lá reside:

O coração decaído por causa do pecado é completamente ignorante das coisas de Deus e, assim, o homem sem Deus pode conhecer alguma coisa, mas não pode conhecer seu Autor, seu significado, sua finalidade nem qual o poder que o mantém”.⁴⁰

Dessa forma, a experiência de conhecer envolve as afeições do coração em todos os seus aspectos, ou seja, seus aspectos “písticos (fé), morais (esperança) e éticos (amor) daquilo que é revelado, observado e analisado, com os quais o conhecimento obtido é julgado e passa a fazer parte da pessoa quer por aceitação quer por rejeição”.⁴¹

Portanto, não se trata do quanto sabemos, mas se conhecemos verdadeiramente a Deus, uma vez que

Conhecer Deus não consiste em ter uma grande quantidade de conhecimento sobre ele, mas em enxergá-lo na pessoa de Cristo, em levá-lo em conta nos caminhos de nossa vida, e em sentir na alma suas virtudes, sua justiça, sua compaixão e sua Graça”.⁴²

ser, tal como no caso do profundo movimento de Deus na direção de seu povo”. *Ibid.*, p. 48.

³⁸ Para saber mais sobre essa perspectiva bíblica de aconselhamento cristão, recomenda-se a leitura de MACEDO, Jônatas Abdias de, Aconselhamento cristão em perspectiva: uma apresentação dos cinco principais pontos de vista, *Fides Reformata*, v. XXIV, n. 1, p. 9–22, 2019; MACEDO, Jônatas Abdias de. *Breve Manual de Aconselhamento Redentivo*, São Paulo: Trinitas, 2022.

³⁹ GOMES, *Aconselhamento Redentivo*, p. 128.

⁴⁰ GOMES, Wadislau Martins, *Aconselhamento redentivo*. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004, p. 58.

⁴¹ *Ibid.*

⁴² BAVINCK, Hermann, *Teologia sistemática*. Santa Barbara d’Oeste: SOCEP, 2001, p. 31.

Em terceiro lugar, porque o conhecimento científico lidar com a criação – equivocadamente chamada de “natureza” por conta de uma cosmovisão que *elimina* a concepção de Deus como pressuposto da realidade – o que inevitavelmente fará com que o cientista se depare com *vestígios* da existência, presença e providência divinas. Aqui partimos do pressuposto advindo da doutrina agostiniana dos vestígios da trindade que, espelhados pelo universo criado, estabelece um motivo-padrão para enxergar a realidade.⁴³

3. O QUE É ENSINAR, DO PONTO DE VISTA CRISTÃO?

Uma vez que o objetivo do artigo não é versar sobre uma teologia do conhecimento ou da educação, ser objetivamente direto no que se pretende alcançar nesses pontos será de grande valia. *Educar*, portanto, sob esta ótica, não é apenas informar a mente, mas *formar as afeições do coração*. Ensinar é comunicar conhecimento de Deus, quer se refira a quem é, quer se refira ao que fez (o mundo e todo conhecimento científico que dele se deriva). Conforme Salum adverte, “não existe caminho paralelo: ou o ser humano chega ao conhecimento de Deus pela revelação que ele faz de si mesmo ou, então, permanece nos desvios inócuos do conhecimento puramente racional”.⁴⁴ Este conhecimento advém da revelação, que ocorre tanto na criação (revelação geral) quanto, de forma especial e verbal, nas Escrituras Sagradas. Herman Bavinck adverte que o conhecimento desconectado de Deus, embora mantenha o nome de conhecimento, resultada em “loucura”:

O que a Escritura exige é um conhecimento cuja origem seja o temor do Senhor (Pv 1:7). Quando essa conexão com o temor de Deus é rompida, o nome de conhecimento é mantido, embora sob falsas pretensões, mas ele vai se degenerando gradualmente até se transformar em uma sabedoria mundana, que é loucura diante de Deus. Qualquer ciência, filosofia ou conhecimento que pense poder se manter sobre suas próprias pressuposições e que pode tirar Deus de consideração, transforma-se em seu próprio oposto, e qualquer pessoa que construa suas expectativas sobre isso ficará desiludida.⁴⁵

3.1. O CONHECIMENTO COMO EXPERIÊNCIA AFETIVA

Embora a experiência comum pré-teórica pareça corroborar a afirmativa de que o conhecimento seja “afetivo”, com isso pode-se estar se referindo tão somente às respostas emocionais que todos temos ao estímulo externo, que nesse caso se encarna no processo ensino-aprendizagem, em função de um professor e sua disciplina. Em outras palavras, a experiência comum diz que, de certa forma, se alguém gosta do professor e seu estilo de ensinar, se *afeiçoará* à disciplina

⁴³ FRAME, John M., *The doctrine of God: a theology of lordship*. Phillipsburg, NJ: P & R, 2002, p. 726; EGLINTON, James, *Trinity and organism: towards a new reading of Herman Bavinck's organic motif*. London, UK: T & T Clark International, 2012, p. 82–84.

⁴⁴ SALUM, Oadi, *Teologia Sistemática Reformada*, São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 32.

⁴⁵ BAVINCK, Hermann, *Teologia sistemática*, Santa Barbara d'Oeste: SOCEP, 2001, p. 20–21.

também.⁴⁶ Contudo, a experiência afetiva a que se faz referência aqui diz respeito aos afetos do coração, e nesse sentido, esses afetos precisam, em primeiro lugar, estarem direcionados a Deus. Nesse mister, a maneira como o reformador João Calvino entrelaçou o autoconhecimento com o conhecimento de Deus é entendida como centralizada no coração. Ele escreveu que

Quase toda a soma de nosso conhecimento, que de fato se deva julgar como verdadeiro e sólido conhecimento, consta de suas partes: o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos. Como, porém, se entrelaçam com muitos elos, não é fácil, entretanto, discernir qual deles precede ao outro, e ao outro origina... consequentemente, pelo conhecimento de si mesmo cada um não é apenas aguilhoado a buscar a Deus, mas até como que conduzido pela mão a achá-lo.⁴⁷

Refletindo sobre o que escreveu Calvino, Salum explica que, em primeiro lugar, é o conhecimento de Deus o vórtice gerador dos demais conhecimentos que o ser humano venha a ter:

Nas relações pessoais de Deus com a criatura humana, visando ao cumprimento do drama da salvação, seja qual for o capítulo a ser considerado, a iniciativa, o primeiro passo nessa direção, pertence a Deus somente. O que prevalece na vontade divina de ser ele conhecido pelo homem é que cabe a Deus abrir o caminho. Embora Calvino coloque na abertura das Institutas o conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos como eventos simultâneos, a ordem, contudo, o próprio Calvino nos leva a concluir, é que o conhecimento de Deus determina o conhecimento de nós mesmos. Sem dúvida, soaria estranho aos ouvidos, e mais estranho ainda à nossa fé, se o reformador afirmasse, na inversão da ordem, que a soma de quase todo o nosso conhecimento consiste no conhecimento que temos de nós mesmos, e como consequência ele, o conhecimento que devemos ter de Deus.⁴⁸

Portanto, o conhecimento humano do mundo sempre será influenciado pelo conhecimento que este tenha de Deus. Aqui há que levar em conta que um coração conhecedor que esteja rebelde contra Deus precisará ser transformado antes de conhecer efetivamente a criação de Deus. Como explicou Gomes, mesmo após a Queda, Deus continuou a ser o referencial para o ser humano:

Decaído dessa vocação por causa do pecado, o homem continuou a ter em Deus a sua referência motivacional, mas, agora, em oposição a ele, “porquanto, tendo o conhecimento de Deus, não o glorificaram como

⁴⁶ Para uma avaliação cristã deste aspecto do processo ensino-aprendizagem, leia: MANÇO, Davi Miguel, Até que todos cheguemos à maturidade: podem as teorias da aprendizagem de adultos ajudar educadores cristãos na formação de discípulos para Jesus?, *Fides Reformata*, v. 2, n. 29, p. 9–26, 2024, p. 20–22.

⁴⁷ CALVINO, *As Institutas*, I.1.1.

⁴⁸ SALUM, *Teologia Sistemática Reformada*, p. 41.

Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato” (Rm 1.21); quando redimido, o homem, restaurado à imagem de Cristo, tem a sua motivação original refeita pelo Espírito Santo”.⁴⁹

E é aqui que a proposta de Gomes, em *Aconselhamento Redentivo*, brilha com intensa luz. Gomes encontrará na *Teoria do Conhecimento Tácito*, de Michel Polanyi uma maneira satisfatória de explicar as “moções do conhecimento”, que em sua proposta de aconselhamento, o Aconselhamento Redentivo, figuram como os movimento afetivos do coração.⁵⁰ Para se valer da contribuição de Polanyi, Gomes vai filtrar seus apontamos através da crítica feita por D.C. Gomes, que, por sua vez, aponta a utilidade da proposta de Polanyi na medida em que encontra paridade com as premissas estabelecidas por Bavinck com respeito ao pensamento cristão.⁵¹

De acordo com D.C. Gomes, em Polanyi a falta da riqueza de perspectiva trazida pela fé cristã faz com que sua abordagem falhe ao estabelecer seus pressupostos em uma equivocada antropologia, visto que Polanyi ancora no ser humano o ponto focal da existência – chamando o homem de “ponto de Arquimedes”. Em outras palavras, o conhecimento finaliza na mente humana. D.C. Gomes argumenta que a Revelação Especial de Deus aponta para Cristo como o necessário ponto focal da existência. Gomes resume:

A argumentação de D.C. Gomes é que a lógica da integração tácita, assim como a do significado emergente, reconhece que o conhecimento humano é sempre *de-para* (por exemplo, do observador para o observado) e, dessa forma, a progressão do conhecimento não poderia ser antropocêntrica, pois falharia em estabelecer um referencial concreto para os parâmetros e estrutura necessárias à inteiração, integração e interação significativas do próprio processo *de-para*.⁵²

Portanto, é acertada a conclusão de D. C. Gomes ao dizer que:

A revelação especial identifica os afetos tácitos do coração e suas atuações, e oferece um novo par de óculos com os quais atentamos ao significado da existência criada e à nossa condição decaída e sua referência negativa ao caráter de Deus. A partir desses óculos *revelacionais* podemos, efetivamente, atentar aos nossos motivos básicos *coram Deo* (diante de Deus). Além disso, eles revelam Cristo como o ponto de Arquimedes por meio do qual as raízes religiosas da rebelião tácita do homem contra seu criador poder ser regeneradas e

⁴⁹ GOMES, *Aconselhamento Redentivo*, p. 45.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 57ss.

⁵¹ GOMES, D.C., *De rationibus cordis coram Deo: the limits of Michael Polanyi's epistemology*. Dissertation - PhD, Westminster Theological Seminary, Philadelphia, 2000, p. 221–228; Cf., tbm: BAVINCK, Herman, *Our reasonable faith*. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1977, p. 19.

⁵² GOMES, *Aconselhamento Redentivo*, p. 58.

se tornarem coerentes, em princípio, com a interpretação pessoal e objetiva da realidade criada, feita pelo próprio Deus.⁵³

Quando o coração é atingido, portanto, a transformação vai para além do comportamento. Uma vez que nada há em nossa existência que supere os benefícios de se ter com Cristo relacionamento redentor, o alvo do aconselhamento não poderia mirar noutra direção:

Os conselheiros bíblicos definem como objetivo de seu aconselhamento (e da vida como um todo) não apenas o alívio do sofrimento, mas a vida vivida para a glória de Deus... Nosso alvo é que o Deus que nos amou, que deu seu Filho por nós, seja glorificado por nosso intermédio e que o nome de Jesus Cristo seja louvado.⁵⁴

Tratar da importância da pessoa do Redentor para o aconselhamento vai além do escopo proposto aqui, bastando concordar com a injunção de Lambert quando diz que “Conhecê-lo é fundamental para a vida, e assim, é fundamental para o aconselhamento”.⁵⁵ E nesse ponto cabe destacar que o alvo do Aconselhamento Redentivo é justamente aquela transformação do coração operada pelo Espírito Santo, mediada pela ministração fiel das Escrituras, segundo a qual Cristo Jesus se relaciona pessoalmente com o aconselhado, cuja evidência se vê em atos no corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES PRÁTICAS PARA O PROFESSOR-CONSELHEIRO

Levando-se em consideração o que se viu até aqui, a atividade de lecionar em uma sala de aula é transmitir conhecimento, e este é totalmente dependente das afeições do coração. O conhecimento, se não acontecer no *locus* apropriado, perderá seu *ethos*, seu fim principal. Não podemos, nem devemos confinar o conhecimento à mente, seu lugar é o coração.

A sala de aula, sob a ótica do Aconselhamento Redentivo, destarte, não pode ser vista como um campo neutro de transmissão de dados. Antes, ela é um campo missionário, um espaço dinâmico de discipulado e aconselhamento. Ao rejeitar o dualismo cartesiano e abraçar uma visão bíblica do conhecimento como relacional, experiencial e factual, a educação se reposiciona. O papel do professor é elevado de mero instrutor a conselheiro, que, com coerência de vida, dependência do Espírito Santo e sob a autoridade das Escrituras, trabalha para formar não apenas o intelecto, mas principalmente o coração dos alunos, guiando-os ao conhecimento salvífico e santificador de Jesus Cristo, para a glória de Deus.

⁵³ GOMES, *De rationibus cordis coram Deo: the limits of Michael Polanyi's epistemology*, p. 228.

⁵⁴ FITZPATRICK, Elyse M.; JOHNSON, Dennis E., *Aconselhamento a partir da cruz: conectando pessoas ao poder curador do amor de Cristo*, 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2018, p. 238–239.

⁵⁵ LAMBERT, Heath, *Teologia do Aconselhamento Bíblico*, Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2017, p. 150.

O professor deve estar aberto e preparado para relacionamentos que vão além da instrução formal. O ensino-aprendizado é um ato pessoal e social. Como afirma a Escritura, “aprendestes a Cristo” (Ef 4.20), indicando que o conhecimento é mediado por um relacionamento pessoal com a Verdade encarnada, e, secundariamente, por meio de pessoas e palavras que refletem essa verdade. A máxima de Gomes, usadas muitas vezes em suas aulas, ecoa satisfatoriamente aqui: Pessoas e palavras influenciam e motivam pessoas; primeiro Deus e sua Palavra e, segundo, seres humanos e suas palavras. É imperativo que o professor desenvolva competências específicas, tais como: tratar o aluno segundo sua relação com Deus (crente ou incrédulo); praticar a escuta ativa; conversar com sabedoria; motivar; compreender o aluno de forma criativa e gerar confiança e esperança Nele.

Portanto, é mister que os aspectos elencados ao longo deste artigo sejam, antes de tudo, integrados teórico-praticamente na vida do professor. Como destacado no Deuteronômio, primeiro esses princípios atuam transformadoramente na vida do educador, para então alcançar o coração do educando. A transformação da sala de aula em um espaço de aconselhamento bíblico exige do professor a aplicação prática desses princípios. Desta forma, espera-se que a sala de aula seja encarada com todo o seu potencial abençoador, como mais um espaço no qual se pode performar o aconselhamento cristão.

ABSTRACT: This article explores the potential of the classroom as a privileged environment for the practice of biblical counseling. However, for such the barrier created by the Cartesian paradigm must be overcome in order to holistic teaching take place. Therefore, from a Reformed Christian worldview point of view, it is argued that education transcends the mere information transmission and constitutes an ongoing process of discipleship. So, to move toward this ideal, the Cartesian educational paradigm is briefly analyzed and contrasted with the biblical concept of knowledge, grounded in divine revelation and centered on the “affections” of the heart. Finally, some presuppositions and practical implications are outlined for Christian teachers, who are understood as counselors, since to teach is part of the counselor calling, guiding students toward a relational knowledge of God that culminates in worship and Christian maturity.

KEYWORDS: Biblical Counseling; Christian Education; Reformed Worldview; Cartesianism; Knowledge of God.

